

CÍCERO ALVES

**AS PELEJAS DE UM SERTANEJO NUMA VIAGEM BEM DIVINA: UMA ANÁLISE DO CORDEL *UMA VIAGEM AO CÉU* DE LEANDRO GOMES DE BARROS**

Artigo apresentado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura em Ciências da Religião.

Aprovada em 17 / 07 / 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Araceli Sobreira Benevides - Orientador  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

---

Profa. Dra. Irene de Araújo Van den Berg Silva – convidado 1  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

---

Prof. Esp. Francisco de Assis Lopes – convidado 2  
Universidade do Estado Rio Grande do Norte – UERN

**NATAL, RN**

**2018**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

A474p Alves, Cícero  
AS PELEJAS DE UM SERTANEJO NUMA VIAGEM  
BEM DIVINA: UMA ANÁLISE DO CORDEL UMA VIAGEM  
AO CÉU DE LEANDRO GOMES DE BARROS. / Cícero  
Alves. - Natal, RN, 2018.  
23p.

Orientador(a): Profa. Dra. Araceli Sobreira Benevides.  
Monografia (Graduação em Ciências da Religião).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Leandro Gomes de Barros.. 2. Literatura de Cordel..  
3. Uma Viagem ao Céu.. 4. Ensino Religioso Não -  
Confessional. 5. Ciências da Religião. I. Benevides,  
Araceli Sobreira. II. Universidade do Estado do Rio Grande  
do Norte. III. Título.

## AS PELEJAS DE UM SERTANEJO NUMA VIAGEM BEM DIVINA: UMA ANÁLISE DO CORDEL *UMA VIAGEM AO CÉU* DE LEANDRO GOMES DE BARROS <sup>1</sup>

Cícero Alves<sup>2</sup>  
Araceli Sobreira Benevides<sup>3</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a análise da linguagem poética do cordel *Uma Viagem ao Céu*, do poeta e cordelista Leandro Gomes de Barros. A literatura de cordel passou a ter uma visibilidade maior e começou a ser levada com mais frequência para o espaço escolar em turmas do Ensino Religioso. Como outro gênero literário, a literatura de folhetos também pode ser um caminho na formação de leitores. Assim, dialogando com as possibilidades de linguagem existentes no cordel, este trabalho possui por objetivo analisar as pelejas de um sertanejo em uma viagem bem divina, tomando como base o cordel *Uma viagem ao céu*, de Leandro Gomes. O estudo fundamenta-se em teóricos como Bakhtin (2010); Eliade (2010); Haurélio (2013); Cosson (2014). Assim, a análise promove um diálogo muito próximo com a temática da diversidade religiosa e cultural presente no conteúdo do Ensino Religioso que abrange os mais diferentes tipos de religiões pelo mundo a fora.

**Palavras-chave:** Leandro Gomes de Barros. Literatura de Cordel. Uma Viagem ao Céu. Ensino Religioso Não-Confessional. Ciências da Religião.

### ABSTRACT

This research has as object of study the analysis of the poetic language of the cordel *A Journey to the Sky*, of the poet and cordelista Leandro Gomes de Barros. Cordel literature began to have greater visibility and began to be taken more frequently to the school space in classes of Religious Education. As another literary genre, booklet literature can also be a path in the training of readers. Thus, in dialogue with the possibilities of language existing in the cordel, this work aims to analyze the struggles of a sertanejo in a very divine journey, taking as a base the cordel *A trip to the sky*, by Leandro Gomes. The study is based on theoreticians like Bakhtin (2010); Eliade (2010); Haurélio (2013); Cosson (2014). Thus, the analysis promotes a very close dialogue with the theme of religious and cultural diversity present in the content of Religious Education that covers the most different types of religions around the world.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como Avaliação Parcial para obtenção de nota da Graduação do Curso de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN/Natal-RN.

<sup>2</sup> Graduando em Ciências da Religião. UERN/Campus de Natal-RN. E-mail: [ciceroalvespid@gmail.com](mailto:ciceroalvespid@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutorado em Educação e Mestrado em Estudos da Linguagem pela UFRN; Especialista em Alfabetização, em Leitura e Produção Textual; Graduação em Letras pela UFC. Docente do Curso de Ciências da Religião. E-mail: [aracelisobreira@yahoo.com.br](mailto:aracelisobreira@yahoo.com.br)

**Keywords:** Leandro Gomes de Barros. Literature of twine. A Journey to Heaven. Non-denominational Religious Teaching. Science of Religion.

## 1 INTRODUÇÃO

*Transcender, motivar, alegrar-se, inspirar e respirar.* São sensações e sentimentos que o cordel pode passar para quem o lê, além de também contar uma história, contudo, o cordel é bem maior do que um simples texto com regras de rimas e sons, podendo chegar aos céus e tocar no lugar mais remoto que existe: o coração das pessoas.

O folheto de cordel há muito tempo aparece com um papel muito importante para o povo brasileiro, não somente relacionado aos aspectos culturais, mas por desempenhar um fator de comunicação de ideias, pensamentos, sentimentos, ou seja, relacionar-se à vida das pessoas e até ao sobrenatural e ao transcendental. O cordel também pode cativar, divertir e educar, fazer as pessoas refletirem acerca de suas realidades, a partir da beleza dos versos que os cordelistas produzem e espalham entre as pessoas, risos de assuntos que teoricamente deveriam fazê-los ficarem sérios.

A literatura de Cordel dispõe de lugar de destaque no Nordeste, sendo esta região caracterizada pelas mais diversas riquezas culturais e sociais. Os folhetos alcançam os mais variados assuntos que expressam situações presentes no cotidiano da sociedade, levando os leitores uma escrita fácil, chegando as mais diferentes classes sociais.

Nos últimos anos, o cordel vem viajando o Brasil e ganhando destaque e atenção dos acadêmicos que pesquisam como esta literatura interage com os mais diversos contextos socioculturais, econômicos, políticos, costumes e crenças retratados por seus autores e, assim, trata de assuntos cada vez mais atuais e de inúmeros temas.

O trabalho relatado neste artigo foi desenvolvido para contemplar o novo olhar do Ensino Religioso na sala de aula sob algumas expectativas de aprendizagem. Atualmente percebe-se claramente como o Ensino Religioso passou por inúmeros avanços, inclusive, ganhando novas práticas, as quais dialogam com encaminhamentos que possibilitam a leitura de cordéis entre os

mais diversos textos literários possíveis de serem lidos na sala de aula dessa disciplina.

Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro (2012, p.7) consideram o fato de se “[...] abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a literatura do cordel, uma conquista da maior importância”. Concordamos com essa posição, ao acreditarmos que a linguagem cordelista gera uma compreensão dialógica e crítica da realidade. Isso porque os cordéis tratam, de modo geral, da narração de fatos engraçados, heroicos ou fantasiosos, sendo que alguns cordéis tratam de problemas sociais, como também, todos os tipos de situação do cotidiano.

A literatura de cordel foi escolhida como tema, pois ela pode contribuir de maneira significativa para o processo de ensino/aprendizagem de temas relacionados aos conhecimentos religiosos abordados em aulas de Ensino Religioso. Sendo assim, o trabalho em estudo tem a finalidade de analisar o cordel *Uma viagem ao Céu*, do cordelista Leandro Gomes de Barros, o qual narra as pelepas que vive um sertanejo em uma viagem bem divina.

Esta pesquisa teve como motivação nossa trajetória como bolsista do subprojeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID – ENSINO RELIGIOSO/UERN/CAPES (2014-2018), através de uma ação pedagógica de leitura de cordel desenvolvida na sala de aula do Ensino Religioso do Professor Francisco Lopes, na Escola Municipal Professora Terezinha Paulino, localizada no Bairro do Parque dos Coqueiros, na cidade de Natal/RN. Nessa experiência, tanto como aluno de Graduação em Ciências da Religião quanto como bolsista que exerceu a docência de forma supervisionada no ambiente escolar do 6º ao 9º, pudemos ter contato com cordelistas como Patativa do Assaré e Leandro Gomes de Barros, ao introduzir práticas de leitura de cordéis, entre outras atividades inovadoras, que permitissem o acesso à compreensão de mundo desses autores. Pelo encanto que a linguagem poética existente nos cordéis causou em nós, escolhemos uma obra de Leandro Gomes de Barros como objeto de análise de nosso Trabalho de Conclusão de Curso.

Assim, o *objetivo geral* deste trabalho é analisar as pelepas de um sertanejo em uma viagem bem divina, tomando como base o cordel *Uma viagem ao céu*, de Leandro Gomes, levando em consideração a sintonia da

temática desse texto com as articuladas pelas Ciências da(s) Religião(ões), área de formação do docente do Ensino Religioso. Como objetivo específico, estabelecemos da estrutura composicional do cordel como objeto de estudo.

## **2. METODOLOGIA**

A abordagem desta análise toma como base a pesquisa qualitativa (BOGDAN; BIKLEY, 2004), pela linha interpretativista (MOITA LOPES, 1994) e sócio histórica (BAKHTIN, 2010), para compreender a linguagem poética do cordel *Uma viagem ao céu*, de Leandro Gomes, em seus meandros discursivos.

Considerando que o ato de construção do conhecimento se dá a partir de textos, conforme posto em Bakhtin (2010), o texto poético foi escolhido e selecionado por apresentar uma temática religiosa, com personagens reconhecidamente do discurso religioso em diálogo com os aspectos da sacralidade e, ao mesmo que retomam o profano, através do riso. Sendo assim, o discurso construído pela linguagem poética é compreendido por categorias como o foco da narrativa, a comicidade do enredo e, por fim, a carnavalização construída pelo cordelista em várias passagens da narrativa.

A pesquisa foi desenvolvida, inicialmente, passando pelo levantamento bibliográfico sobre a história do cordel, do autor Leandro Gomes até chegar à compreensão do pensamento bakhtiniano sobre discurso, carnavalização e ao pensamento de Mircea Eliade sobre sagrado e profano. Em seguida, são selecionados trechos do cordel que são interpretados, de modo a produzir compreensões sobre o mundo construído no cordel *Uma viagem ao céu*. Além disso, são apresentadas ainda as características estruturais do gênero cordel.

## **3 REVISÃO DE LITERATURA**

Neste item, apresentamos o cordelista Leandro Gomes de Barros, sua poesia e as principais compreensões teóricas sobre o cordel e sua linguagem poética, destacando pesquisadores da área, alguns, inclusive, que dialogam com as Ciências da Religião.

Leandro Gomes de Barros nasceu no município de Pombal, PB, em 19 de novembro de 1865 , e morreu em Recife, PE, em 4 de março de 1918. Disputa com Pirauá o pioneirismo na publicação de histórias versadas em folhetos. Até os 15 anos viveu em Teixeira, centro de poesia popular; mudou-se então para Pernambuco, tendo vivido então em Vitória, Jaboatão e Recife. Começou a escrever em 1889, e sempre viveu do que lhe rendiam suas histórias versadas; escrevendo e vendendo folhetos sustentou enorme família.

Pinheiro (2008) propõe aos educadores levar a literatura de cordel para sala de aula dialogando com outras obras, mas também explorar a percepção e a expressividade intelectual dos poetas populares e qualidades estéticas e líricas dos gêneros em relação ao meio, na busca por relações comunicativas e socioculturais dos sujeitos para com a comunidade que integram.

[...] levar a literatura de cordel para sala de aula não apenas como pretexto para estudar outras disciplinas, mas pelo seu valor estético, sua dimensão lúdica, seu apelo social e tantas marcas desta modalidade da cultura popular. (PINHEIRO, 2008, p. 16).

Deste modo, o educador mediará a experiência estética dos alunos por meio da prática da oralidade e a performance da leitura da poesia popular, além da elaboração para o trabalho comparativo da literatura popular com a literatura canônica, possibilitando que nas aulas de literatura a presença da texto popular literário encontre aceitação e adeptos do mesmo modo que o tradicional..

Na obra de Marco Aurélio, titulado *Literatura de cordel do sertão a sala de aula* do ano de 2013, mostra-nos a literatura de cordel como sendo originária de Portugal, sendo esta uma espécie de poesia popular que é impressa e divulgada em folhetos ilustrados com processo de xilogravuras<sup>4</sup>. Para o autor a literatura de cordel chegou ao Brasil no século XVIII, através dos portugueses, sendo esta de baixo custo, geralmente estes pequenos livros

---

<sup>4</sup> Etimologicamente, a palavra xilogravura é composta por xilon, do grego, e por grafó, também do grego. Xilon significa madeira e grafó é gravar ou escrever. Assim, xilogravura é uma gravura feita com uma matriz de madeira. Simplificando, pode-se dizer que é um processo de impressão com o uso de um carimbo de madeira.

eram vendidos pelos próprios autores fazendo grande sucesso nos estados de Pernambuco, Ceará, Alagoas, Paraíba e Bahia.

Possui um tom humorístico que retrata tanto a vida cotidiana da cidade quanto da região. Os principais assuntos retratados nos livretos são: festas, política, secas, disputas, milagres, vida dos cangaceiros, atos de heroísmo, morte de personalidades etc. em algumas situações, estes poemas são acompanhados de violas e recitados em praças com a presença do público.

A Literatura de Cordel brasileira, com mais de cem anos de existência, encontra dificuldade em precisar a data de seu nascimento pela escassez de referência bibliográfica do período. De acordo com Haurélio (2013), no ano de 1885 o historiador Sílvio Romero, em estudo sobre a poesia popular já fazia uso do termo "*Literatura de Cordel*", sem, no entanto fazer referência a nenhum poeta em particular.

Foi no nordeste brasileiro que o cordel encontrou seu berço. Nesse ambiente impregnado pelo misticismo surge no velho Recife-PE a figura do poeta paraibano Leandro Gomes de Barros, o herói, que deixou um legado a ser seguido por todo cordelista. Leandro Gomes de Barros é conhecido como o pai do cordel brasileiro, sendo também o pioneiro na impressão e venda dos folhetos com histórias até hoje lidas, como *O cachorro dos mortos*, *O testamento do cachorro* e *O cavalo que defecava dinheiro*, escritos que inspiraram o escritor Ariano Suassuna na obra *O Auto da compadecida*.

São de autoria de *Leandro Gomes* alguns dos maiores clássicos da Literatura de Cordel, tais como: *Juvenal e o dragão*, *História da donzela Teodora*, *Os sofrimentos de Alzira*, *Peleja de Manoel Riachão com o diabo*, etc., obras que ultrapassaram a casa de mais de dois milhões de exemplares vendidos nesse mais de um século de reedições, fazendo do seu criador o mais importante ícone da poesia popular brasileira. O poeta, que tem vários seguidores, encontra na figura de *João Martins de Athayde* seu sucessor.

João Martins chega a criar uma peleja fictícia com seu ídolo mesmo antes de conhecê-lo. Após a morte de Leandro, Athayde comprou da viúva, dona Venustiniana Eulália de Barros, os direitos de publicação de sua obra.

Sendo que a princípio respeitou os direitos morais, mas depois, inexplicavelmente passou a suprimir o seu nome das capas dos folhetos assinando como seus vários títulos do *pai do cordel*.

Segundo Haurélio (2013), podemos classificar a poesia do cordel da seguinte maneira:

- Quadra: estrofe de quatro versos.
- Sextilha: estrofe de seis versos.
- Septilha: é a mais rara, pois é composta por sete versos.
- Oitava: estrofe de oito versos.
- Quadrão: os três primeiros versos rimam entre si; o quarto com o oitavo, e o quinto, o sexto e o sétimo também entre si.
- Décima: estrofe de dez versos.
- Martelo: estrofes formadas por decassílabos (comuns em desafios e versos heroicos). Desse modo, o autor mostra que

Os poetas populares costumam afirmar que o cordel se equilibra em um tripé que o caracteriza e, de certo modo, o define. Esse tripé é composto por métrica, rima e oração. Métrica e rima dispensam definição. O mesmo não se pode dizer da oração que, para os poetas é aquilo que dá sentido ao texto. Pode estar relacionada à fluência, mas, também, pode ser sinônimo de verossimilhança. (HAURÉLIO, 2013, p.15 ).

Segundo Gonçalo Ferreira da Silva, presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), em depoimento ao site da academia<sup>5</sup>, o termo cordel surgiu pela primeira vez no ano de 1881, em um dicionário editado em Portugal. De acordo com o dicionário *Caldas Aulete*, a verbete significa cordão, guita, barbante, sendo que quando o termo faz referência aos escritos trás o significado de conjunto de publicações de pouco ou nenhum valor. Estudos apontam Portugal como sendo o berço da literatura de cordel ou literatura de folhetos, que a partir das terras lusitanas, surge o cordel brasileiro, com destaque na região nordeste. (SILVA, 2012)

Com os mais variados temas, a literatura de cordel é comercializada nas ruas, em feiras livres, romarias e praças, abordando os mais variados temas. Por esse estilo de comercialização, o cordel também é conhecido como folhas, volante. (SILVA, 2012) Devido a materialidade dos folhetos, o cordel tem um preço acessível, o que facilitou a sua popularidade. O termo cordel vem do fato dos livretos serem comercializados pendurados em barbantes, cordões, varais.

---

<sup>5</sup> Site <http://www.ablc.com.br/o-cordel/historia-do-cordel/> Acesso em 10 de abril de 2018.

No Brasil, esses textos abordavam histórias famosas como a de D. Pedro, D. Inês de Castro, de heróis dotados de coragem, justiça, honra lealdade, fidelidade, piedade, bem como de vilões desleais, vingativos e infiéis, lutas entre o bem e mal, histórias de nobres e plebeus. (SILVA, 2012) No nordeste os escritores usavam o termo literatura de folhetos, passando a partir de 1970 a ser chamada de literatura de cordel nordestina, pois a literatura vinda de Portugal passou por adaptações por parte dos poetas nordestinos.

Segundo Silva (2012), no princípio muitos cordelista rejeitavam que seus versos fossem publicados, preferindo conservar para suas apresentações orais. Apesar da imensa diversidade na produção cultural do povo nordestino, no entanto temos um problema quanto à valorização do que temos, costumamos dar mais atenção ao que vem de fora, ao que é imposto pela mídia no dia-a-dia, mas a literatura de cordel traz no seu conteúdo assuntos que abrangem fatos políticos, artísticos, lendários folclóricos ou pitorescos da vida como ela realmente é. A literatura de cordel é simples como o povo, não requer tanta formalidade e alcança a todas as classes sociais e pode chegar em outras esferas sociais como as escola.

Segundo Haurélio (2013), trabalhar com a literatura de cordel permite a utilização de vários recursos que ajudarão os alunos nas suas deficiências de aprendizagem, pois abordam temas atuais, produção textual, leitura, escrita, uma linguagem verbal e socialização do cidadão com o campo da literatura, além da valorização daquilo que é nosso, trazendo um despertar sobre a nossa cultura popular nas escolas.

O cordel estabelece propostas para que haja uma maior difusão dessa arte literária entre os alunos, onde a oralidade se apresenta como traço forte presente nos personagens populares das manifestações que caracterizam os valores deste povo, além de promover uma aproximação dos alunos através da cultura.

As constantes mudanças com relação ao ensino-aprendizagem têm revelado a incapacidade dos alunos para interpretar e discutir o que se está lendo e, a literatura de cordel surge como um agente facilitador para dissipar estas dificuldades. (HAURÉLIO, 2013), além de interessante, a literatura de cordel é de grande importância para nossa região, descortinando os costumes e histórias do nosso povo, da nossa língua.

Por outro lado, há quem defenda que a literatura de Cordel Brasileira, ou literatura de folhetos, não tem origem na literatura de Cordel Portuguesa, é o caso da pesquisadora brasileira Márcia Abreu, que em seu livro *História de Cordéis e Folhetos* (2011), é categórica em dizer que a Literatura de Cordel Brasileira não tem nenhuma relação com a literatura lusitana, chegando a afirmar haver um equívoco na hipótese da primeira ser fonte da segunda, que no Brasil não existe sequer uma literatura portuguesa, exceto um trabalho de Câmara Cascudo, cinco livros do povo e um punhado de parágrafos introdutórios insistindo nas origens lusitanas dos folhetos produzidos no Brasil.

Em suas pesquisas em terras portuguesas, a escritora encontrou um vasto e valioso material sobre a literatura de cegos, como era mais conhecida a Literatura de Cordel em Portugal, como por exemplo, uma carta de D. João III, no ano de 1537, concedendo a Balthasar Dias, cego da Ilha da Madeira, o direito de vender folhetos de sua autoria, o que a conduziu a uma pesquisa em um material do início do século XVI.

Frequentemente os estudiosos da literatura de cordel, tanto em Portugal quanto aqui no Brasil, estabelecem uma relação de dependência entre a literatura portuguesa e a brasileira, sendo que, ao entrar em contato com a nossa realidade, a literatura lusitana sofreu alterações, passando por adaptações, em uma espécie de recriação da forma de escrever cordel voltado para realidade do povo do nordeste do Brasil, tendo nos poetas improvisadores uma fonte para difundir a obra.

Apesar de utilizarmos a mesma nomenclatura de Literatura de Cordel para nos referirmos às poesias escritas no Brasil e em Portugal, mesmo os autores e os consumidores fazendo uso desse termo para designar as duas literaturas, ou simplesmente folhetos no Brasil, a expressão *literatura de cordel nordestina* só veio a ser reconhecida como tal a partir de 1970. Em Portugal sim, lá o termo é empregado popularmente, sendo que no Brasil era conhecido no início de sua produção como literatura de Folhetos ou simplesmente folheto.

Ao citar alguns autores como Manuel Diégues Júnior (*Ciclos temáticos na literatura de cordel*, 1973), Mário Souto Maior (*Literatura popular em versos*), Maria José F. Londres (*Cordel, do encantamento às histórias de luta*, 1983) dentre outros, Abreu é enfática:

Todos concordam, entretanto, que o material português sofreu alterações em contato com a realidade brasileira: fala-se em “adaptação”, “recriação”, “transformação”, “desdobramentos”, fusão entre a “literatura popular ibérica” e a “prática dos poetas improvisadores”, sem que jamais se tenha tentado um gotejo entre as duas condições de produção ou entre os textos efetivamente produzidos em Portugal e no Brasil. (ABREU, 2011, p 17 – Grifos da autora).

Tal quais os autores que comungam com a ideia de que a nossa literatura não tem origem na literatura de cordel lusitana, iremos nos referir a nossa literatura como Literatura de Folhetos e a portuguesa como Literatura de Cordel.

Um dos maiores problemas enfrentados pelos estudiosos da literatura de cordel portuguesa é defini-la, já que ela não tem uma característica formal, física e nem temática bem definida. A denominação cordel, assim como o nosso caso, vem pelo fato dos folhetos serem comercializados montados em um barbante, cordão, como relata o trecho de Cardoso Marta:

Quem durante o século XVIII, e mesmo no apontar do XIX, percorresse algumas das ruas e praças da baixa Lisboa, veria que noutro esconso de velho casario medieval ou seiscentista, que a mão de um progresso muitas vezes mal entendido esboroou um homem de capote de saragoça sem forro, calções remendados ao cair sobre a meio esgarçada, sorvido de faces, barbas descuidada e raras farripas grisalhas espreitando sob o chapéu em bico de candeia. Servia-lhe de escabelo uma rima de cartapácios, velhos in-fólios carunchosos, maços de papéis amarrados, brevíários; e, parede arriba, bifurcando-se em cordéis paralelos, folhetos de todo o feitio e assunto; autos e entremezes, relações de naufrágio, batalhas e monstros aparecidos, milagres, vidas de santos, novelas de cavalaria, livros de astrologia, de São Cipriano, de feitiçarias, testamentos, palestras de vizinhas, casos prodigiosos e castigos de céu, relações de festas e toiradas...Este homem é o papelista, e esta vasta literatura, aquela que nós hoje alcunhamos de cordel. (LIMA, *apud* ABREU, 2011, p 20).

Arnaldo Saraiva (1980) observa algumas dificuldades em se comparar a literatura de cordel lusitana com a literatura de folhetos brasileira, pois para o autor nem toda literatura de cordel pode ser considerada popular, haja vista a posição marginalizada, que muitas vezes se atribui a literatura de folhetos brasileira, que tem sido esquecida, ignorada e censurada pelos poderes

literários, políticos e culturais. Para o autor, é correto separar o cordel de popular já que nem os autores e muito menos o público dessa literatura pertencem exclusivamente às camadas populares.

Parece-me que toda dificuldade reside no fato de não se querer assumir que não há, realmente, nada que unifique esse material, a não ser a questão editorial. A chamada "literatura de cordel" é uma fórmula editorial que permitiu a divulgação de textos de origens e gêneros variados para amplos setores da população. Essa fórmula editorial não é uma criação portuguesa, já que se encontram publicações similares em quase todos os países europeus-basta que se pense nos chamados chapbooks ingleses, na littérature de colpartage francesa, nos pliegos sueltos espanhóis etc. (ABREU 2011, p.23 - Grifos da autora)

Portanto não se trata de um material visando uma publicação no campo da literatura de cordel, mas buscando alcançar o grande público que surgia junto com o início da imprensa.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

As várias religiões que se formaram no decorrer da história apresentam como meta fundamental a existência e reverência a um transcendente que habita um ambiente humanamente inacessível, só alcançado através dos ritos de ascensão celeste, dentre estes a morte, na qual a alma abandona a condição humana. Este ambiente onde habita esse ser superior é, por natureza, saturado de sacralidade e há uma reverência notória ao deus adorado, ou no mínimo reverenciado.

A sacralidade, nestes espaços, é algo cultural, digna de respeito por aqueles que destas tradições se tornam seguidores e ou admiradores, tanto é verdade que o filósofo e mitólogo romeno Mircea Eliade em sua obra *Tratado de História das Religiões* afirma que "[...] a prece mais popular de todo mundo dirige-se ao Pai nosso que está nos Céu". (ELIADE, 2010, p.39).

Essa percepção de sacralidade funciona como um importante agente agrupador das mais diversas tradições e comunidades religiosas que, ao longo dos tempos é responsável por passar adiante suas crenças, ora pela oralidade,

ora pelos textos escritos, revelando a sacralidade e força celestial. Segundo Eliade,

O Céu revela-se tal como é na realidade: infinito, transcendente. A abóboda celeste é, por excelência, “uma coisa muito diferente” do pouco que representa o homem e o seu espaço vital... O “Alto” é uma dimensão inacessível ao homem como tal. (ELIADE, 2010, p.40 – Grifos do Autor).

O poeta paraibano Leandro Gomes de Barros, considerado o pai do cordel brasileiro, na obra que tem por título *Uma Viagem ao Céu*, com extrema maestria desconstrói toda essa ideia de sacralidade e inacessibilidade em um trabalho escrito em sextilha, contendo trinta e três estrofes de muita poesia e bom humor que passaremos a analisar.

A obra narra à história de um homem que vivia sempre atrasado, mas que conseguiu colocar um negócio onde só vendia fiado e, que, por esse motivo, não conseguiu prosperar, falido, ele deu a balança de esmola e fez do balcão lenha, tendo a cama roubada, passa a dormir no chão, mas em meio a tanto insucesso, recebe a inesperada visita de um ser celestial e é aí que sua vida muda de direção. O texto poético nos remete à situação vivenciada na Idade Média quando a linha entre o cômico e o sério é bastante tênue. (BAKHTIN, 2010).

O lado cômico da cultura popular na Idade Média fica evidenciado na obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais*, na qual Bakhtin se propõe a analisar as influências populares na escrita, buscando focar em suas principais características folclóricas. Segundo Bakhtin,

A concepção estreita do caráter e do folclore, nascida na época pré-romântica e concluída essencialmente por Herder e os românticos, exclui quase totalmente a cultura específica da praça pública e também o humor popular em toda a riqueza das suas manifestações... Entre as numerosas investigações científicas consagradas aos ritos, mitos e as obras populares e épicas, o riso ocupa apenas um lugar modesto. (BAKHTIN, 2010, p.3).

Podemos observar que o autor procura primar por um olhar mais voltado para os festejos em praça pública, confrontando o sistema religioso com seu

pensamento feudal. Ainda segundo o autor, estes festejos, apesar de não serem necessariamente comemorados antes da quaresma, são classificados como carnavais medievais, festas essas comemoradas em várias partes do mundo durante todo ano no período da Idade Média,

Os festejos do carnaval, com todos os atos e ritos cômicos que a ele se ligam, ocupavam um lugar muito importante na vida do homem medieval. Além dos carnavais propriamente ditos, que eram acompanhados de atos e procissões complicadas que enchiam as praças e as ruas durante dias inteiros, celebravam-se a “festa dos tolos” (*festā stultorum*) e a “festa do asno”; existia também um “riso pascal” (*risus paschalis*) [...]. (BAKHTIN, 2010, p.4 – Grifos do autor).

No período desses carnavais havia procissões e celebrações que ocupavam as praças durante muitos dias e que tinham em sua essência um tom voltado para a sátira onde se faziam zombarias com os elementos dos rituais sagrados do culto Católico Romano. Antes das divisões de classe, o cômico e o sério faziam parte dos festejos oficiais, estando no mesmo patamar do Sagrado e do Profano, mesmo havendo uma diferença entre o sério e o cômico, essas expressões ocupavam um nível de igualdade em importância social e cultural, no entanto, após a implantação do sistema de classes, o cômico foi deslocado para uma posição inferior ao sério.

*Uma viagem ao céu* é um cordel em sextilha, por possuir seis versos em cada uma das 28 estrofes, estes com sete sílabas poéticas, ou seja, heptassílabos, cujas sequências de rimas finais são (a-b-c-b-d-b). As rimas se encontram no 2º, 4º e 6º verso, respectivamente.

Uma vez eu era pobre -a  
 Vivia sempre atrasado -b  
 Botei um negócio bom -c  
 Porém vendi-o fiado -b  
 Um dia emprestei -d  
 O livro do apurado. -b  
 (BARROS, 2010, p. 1)

Encontramos aspectos fantasiosos na narrativa popular com viajar até o céu / ou até mesmo ao purgatório. A descrição imaginária do lugar apresenta uma descrição irreal, construída ao imaginário do *eu* poético.

Deu-me dez pés de dinheiro  
Alguns querendo brotar  
Filhos de queijo do reino  
Já querendo safrejar  
Uns caroços de brilhantes  
Pra eu na terra plantar.  
(BARROS, 2010, p. 5).

A microanálise dos folhetos de cordéis pode ser iniciada a partir da identificação dos personagens e do foco narrativo presentes nas estrofes da narrativa popular impressa.

Me disse a alma: eu aceito  
E lhe agradeço eternamente  
Moro no céu, porém  
lá Inda não entra aguardente  
São Pedro inda plantou cana  
Porém perdeu a semente.  
(BARROS, 2010, p. 2)

*Uma viagem ao céu* possui narrador homodiégetico<sup>6</sup>, que relata e é protagonista da história, além do discurso direto, ao narrar ao seu modo de ver e vivenciar as façanhas dessa viagem, também relata as prováveis respostas e questionamentos dos principais personagens da narrativa. No texto, a alma, São Pedro e a sogra são personagens que vivem e relatam a história vivida.

É importante frisar que o sincretismo religioso é muito influente na região Nordeste e, como o povo de Israel, as pessoas dessa região convivem com o sofrimento e privações que tanto os martirizam, e buscam o encontro com a

---

<sup>6</sup> Por definição, este termo significa narrador que é personagem secundário ou testemunha de uma história que relata. (INFOPÉDIA, 2018)

felicidade, prazer e abundância tal qual descrita na bíblia são descritas em ambos os folhetos estudados.

Vi na horta de São Pedro  
 Arvoredos bem criados  
 Tinha pés de plantações  
 Que estavam carregados  
 Pés de libras esterlinas  
 Que já estavam deitados.  
 (BARROS. 2010, p. 5)

Facilmente, percebemos os traços da igualdade entre o cômico e o sério, conforme posto em Bakhtin (2010), nas estrofes seguintes da obra do cordelista Leandro Gomes:

Pus a mão sobre a cabeça	Eu disse que era eu mesmo
Fiquei pensando na vida	E a venda estava quebrada
Quando do lado do céu	Mas se queria um pouquinho
Chegou uma alma perdida	Ainda tinha guardada
Perguntou: era o senhor,	Obra de uns dois garrafões
Que aí vendia bebida?	De aguardente imaculada.

No carnaval, os limites entre o sério e o cômico, a ficção e a realidade são quase invisíveis, o mesmo ocorre na literatura de cordel que, mesmo tendo ocupado espaço dentro das academias, a ficção e a realidade continuam caminhando lado a lado, a prova disto se encontra em *Uma Viagem ao Céu*, em que um comerciante falido é visitado por um ser celestial.

De acordo com a crendice popular, o Céu representa o lugar mais improvável para se encontrar uma alma perdida, muito menos uma alma que desce do céu e aprecia aguardente, entretanto o imaginário do poeta passa por essa magia ao encontrar espaço onde comumente não se encontra, de colocar o profano no espaço do sagrado e vice-versa, principalmente quando

apresenta um São Pedro incapaz de produzir ou cultivar um produto tão comum nas roças nordestinas.

Nas estrofes seguintes, Leandro passa a produzir um diálogo entre um mortal e um espírito, entre um ser material e um imaterial, entre o palpável e o intocável, entre o imanente e o transcendente (ELIADE, 2010) e, essa conversa prossegue na mais perfeita harmonia, sem a presença do medo, tão comum em ocasiões como estas.

São Pedro aí perguntou	Eu ainda levava um pouco
O mundo lá, como vai?	Da gostosa imaculada
Eu aí disse: meu santo	Dei a ele e ele disse
Lá filho rouba do pai	Aguardente raciada!
Está se vendo que o mundo	E aí me disse: entre
Por cima do povo cai	Aqui não lhe falta nada

Podemos perceber, no diálogo descrito nas estrofes acima, um São Pedro sem o mínimo de conhecimento com relação aos acontecimentos terrenos, mas bem familiarizado com a qualidade da aguardente, passando a impressão de que no céu podemos encontrar um ambiente no qual a bebida alcoólica é item de fácil acesso e que não precisamos nos preocupar com acertos de contas, pois em nenhum momento o santo cobra algo do visitante terreno, muito menos lhe imputa alguma penitência para que este possa ser merecedor das dádivas celestes.

Deparamo-nos com um São Pedro mais para enólogo do que para responsável pelo claviculário celestial, um santo que em troca do aperitivo recebido se compromete a oferecer uma calorosa recepção ao ilustre visitante humano. Com essa organização das ideias, Leandro Gomes realiza uma inversão dos valores, caracterizando uma situação sagrada de modo carnalizado, ou seja, o personagem São Pedro é destronado de sua posição.

Quando acabei de jantar	Vi na horta de São Pedro
O santo me convidou	Arvoredos bem criados

Disse: vamos lá na horta	Tinha pés de plantações
Fui, ele então me mostrou	Que estavam carregados
Coisas que me admiraram	Pés de libras esterlinas
E tudo me embelezou	Que já estavam deitados.

Já nestes versos, o pai do cordel brasileiro transporta para dentro das mansões celestiais parte do que ele estava acostumado a vivenciar, ou seja, o sertão nordestino com suas plantações e fartura garantida em anos de chuvas regulares, com um adendo, ali naquela horta, além de alimentos, o pomar produz também a libra esterlina, moeda corrente na Inglaterra e Reino Unido.

Toda essa fartura provoca no falido vendedor um encantamento, uma sensação de bem estar. Na sequência do seu trabalho, Leandro Gomes expõe um céu com uma plantação carregado de iguarias nordestinas regadas por um riacho de vinho do porto, fazendo uma clara alusão às origens da Literatura de cordel Luso-brasileira.

O poeta paraibano abusa da carnavalização ao apresentar dentro do espaço transcendente uma plantação de moedas de vários países, atribuindo ao céu à origem das riquezas, uma riqueza tão abundante que se faz necessário o uso da força operária para se desfazer do que ali é produzido em um curto espaço de tempo. O bom humor do poeta fica mais evidente quando é temperado por uma suculenta pitada de ironia ao citar um suposto lixo proveniente da grande colheita na horta eterna.

Vi cerca de queijo e prata	Prata de quinhentos réis
E lagoa de coalhada	Eles lá chamam caipora,
Atoleiro de manteiga	Botavam trabalhadores
Mata de carne guisada	Para jogar tudo fora,
Riacho de vinho do porto	Esses níqueis de cruzado
Só não tinha imaculada	Lá nascem de hora em hora

No cordel em apreço, vemos o relacionamento entre São Pedro, a Alma, Santa Bárbara e o comerciante falido, sendo que os três primeiros personagens fazem parte do lado sacro do imaginário popular, são seres que vivem no céu, mas que mantêm uma relação bem amistosa com um ser que, apesar de está no espaço transcendente, ainda não passou por um rito de ascensão que o credencie a frequentar a morada das alturas.

Esse relacionamento, que teve seu início com o desejo da alma em provar a cachaça, apresenta em seu contexto mais uma carnavalização ou rebaixamento do sagrado, ao batizarem a aguardente de imaculada.

Então São Pedro me disse	Aí chamou Santa Bárbara
Quero fazer-lhe um presente	Esta veio com atenção
Quando você for embora	S, Pedro aí disse a ele
Vou lhe dar uma semente	Eu quero uma arrumação
Você vai mesmo escolher	Este moço quer voltar
Aquela mais excelente...	Arranje-lhe uma condição

Na Idade Média, eram reservados dias para se comemorar as festas dos deuses pagãos, posteriormente, essas datas foram incorporadas ao calendário cristão, quando os deuses pagãos foram substituídos pelos santos canônicos católicos, quando o cordel ganhou asas no Brasil, esses santos já faziam parte da vida social e religiosa do povo e, assim como na Idade Média, essas datas comemorativas continuaram a ser comemorada, a carnavalização em Bakhtin expõe algumas questões tais como o descarte da etiqueta, a ausência do medo, o zelo pela devoção, que passam a ser substituídos pela zombaria, o desprezo e a falta de devoção.

Assim como descreve Bakhtin (2010), o poeta Leandro Gomes de Barros faz uso dessa carnavalização para compor seu trabalho poético, com bom humor e uma capacidade para fazer as colocações irônicas de forma a atrair o leitor para dentro da sua obra.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve como objetivo compreender a narrativa presente no cordel *Uma festa no céu*, a partir das pelejas dos personagens, nas quais o Sagrado e o Profano se destacam como agentes presente do imaginário popular, que enriquece sobremaneira o universo cultural nordestino. Como resultado da pesquisa, consideramos que foi recuperado o significado da leitura de cordel, que faz uso de uma linguagem simples para transmitir essa preciosa riqueza cultural, e que pode figurar no cenário escolar.

Analizamos os argumentos utilizados pelos autores Ana Cristina Marinho e Helder Pinheiro; e Marco Haurélio para as explicações acerca do cordel na sala de aula. Observamos ainda, ao longo desta pesquisa, proposições claras sobre os conceitos de cordel, as quais envolvem temáticas que possam demonstrar como pode ser trabalhado na sala de aula por meio de métodos alternativos que tomam como base o letramento literário de modo que sua importância para o Ensino Religioso revela-se de modo muito significativo. Desse modo, a leitura literária de folhetos como o analisado por nós introduz novas compreensões, além de promover a harmonia da leitura e também da escrita, ajudando o educando na construção de um saber literário, como *constructo* proveniente da cultura popular, mas com marcas de erudição e de conhecimentos singulares.

Concordamos com o ponto de vista da abordagem de Marinho e Pinheiro (2012) quando dizem que a leitura de cordel na sala de aula não é para formar poetas e sim leitores.

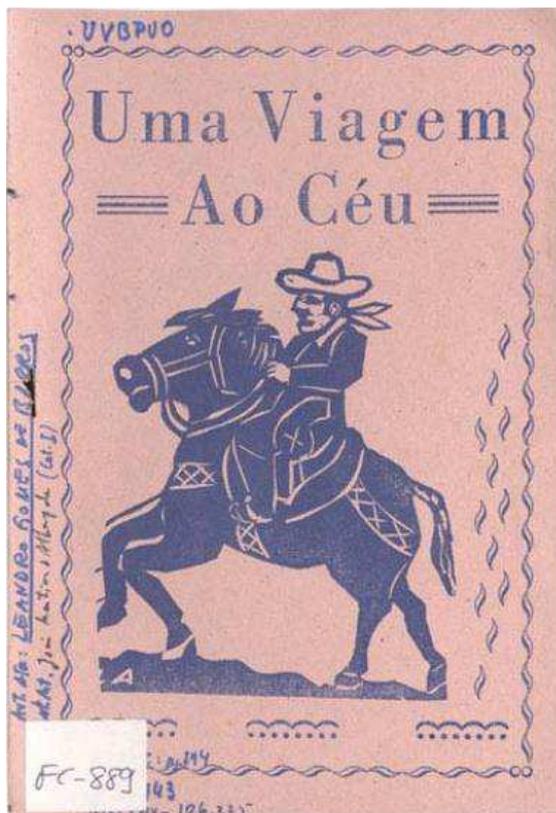
Além de um fazer pedagógico diferente, este trabalho oportunizou o entendimento da importância da poesia na vida das pessoas, de nós mesmos e a nossa visão sobre o cotidiano. Bem como a vivenciar uma literatura simples e cheia de intencionalidade sagrada. Remetendo-nos a refletir sobre nossas vidas, nosso cotidiano, nossos valores e nosso mundo.

Neste percurso, destacamos a importância da literatura de cordel para o letramento literário na escola e apresentamos sugestões para a análise do folheto de cordel *Uma Viagem ao céu*.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das Letras; ALB, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARROS, Leandro Gomes. **Uma viagem ao céu**. Timbaúba: Folhetaria Cordel, 2010.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel: do sertão a sala de aula**. Natal: Paulinas, 2013.
- LOPES, Moita Luís P. **Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução**. UFRJ: Rio de Janeiro, 1994. (p.330)
- MARINHO, Ana Cristina. PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. – ( Coleção Trabalhando com...na escola). 1ª edição. 2012.
- SILVA, Gonçalo Ferreira da. **História do cordel**. 2012. Disponível em: <<http://www.ablc.com.br/o-cordel/historia-do-cordel/>>. Acesso em: 21 maio 2018.

## Anexo 01



## Uma Viagem ao Céu

Uma vez eu era pobre  
vivia sempre atrazado  
botei um negócio bom  
porém vendi-o fiado  
um dia até emprestei  
o livro do apurado.

Dei a balança de esmola  
e fiz lenha do balcão  
desmanchei as prateleiras  
fiz delas um marquezão  
porém roubaram-me a cama  
fiquei dormindo no chão.

Estava pensado na vida  
como havia de passar  
não tinha mais um vintém  
nem jeito pra trabalhar  
o marinheiro dá venda  
não queria mais fiar.

Pus a mão sôbre a cabeça  
fiquei pensando na vida  
quando do lado do céu  
chegou uma alma perdida  
perguntou era o senhor  
que aí vendia bebida?

(2)

Eu disse que era eu mesmo  
e a venda estava quebrada  
mas se queria um pouquinho  
ainda tinha guardada  
obra de uns 2 garrafões  
de aguardente imaculada.

Me disse a alma: eu aceito  
e lhe agradeço eternamente  
porque moro no céu, mas lá  
inda não entra aguardente  
São Pedro inda plantou cana  
porém perdeu a semente.

Bebeu obra de 3 contas  
ficou muito satisfeita  
disse: aguardente correta  
imaculada direita  
isso é o que chamo bebida  
essa aqui ninguém enjeita.

Perguntei-lhe alma quem és?  
disse ela: tua amiga  
vim te dizer que te mude  
aqui não dá nem intriga  
quer ir para o céu comigo?  
lá é que se bota barriga.

(3)

E lá subi com a alma  
num automóvel de vento  
então a alma me mostrava  
todo aquele movimento  
as maravilhas mais lindas  
que existe no firmamento.

Passamos no purgatório  
tinha um pedreiro calando  
mais adiante era o inferno  
tinha um diabo cantando  
e a alma de um ateu  
prêsa num tronco apanhando.

Afinal cheguei no céu  
a alma bateu na porta  
com pouco chegou São Pedro  
que estava pela horta  
perguntou-lhe: esta pessoa  
ainda é viva ou é morta?

Então a alma respondeu:  
é viva, estava no mundo  
não tinha de que viver  
está feito um vagabundo  
lá quem não fôr bem sabido  
passa fome vive imundo.

(4)

São Pedro aí perguntou:  
o mundo lá como vai?  
eu aí disse: meu Santo  
lá, filho rouba do pai  
está se vendo que o mundo  
por cima do povo cai.

Eu ainda levava um pouco  
da gostosa imaculada  
dei a ele e ele disse:  
aguardente raciada!  
e aí me disse: entre  
aqui não lhe falta nada.

Arrastou uma cadeira  
e mandou eu me sentar  
chamou um criado dele  
disse: cuide em se arrumar  
vá lá dentro e diga a ama  
que bote um grande jantar.

Quando acabei de jantar  
o Santo me convidou  
disse: vamos lá na horta  
fui, ele me mostrou  
coisas que me admirava  
e tudo me embelezou.

(5)

Vi na horta de São Pedro  
arvorêdos bem criados  
tinha pés de plantações  
que estavam carregados  
pés de libras esterlinas  
que já estavam deitados.

Vi cêrca de queijo e prata  
e lagoa de coalhada  
atoleiro de manteiga  
mata de carne guisada  
riacho de vinho do pôrto  
só não tinha imaculada,

Prata de quinhentos réis  
eles lá chamam caiporá  
botavam trabalhadores  
para jogar tudo fora,  
esses niqueis de cruzados  
lá nascem de hora em hora.

Então São Pedro me disse:  
quero fazer-lhe presente  
quando você fôr embora  
vou lhe dar uma semente  
você mesma vai escolher  
aquela mais excelente.

Deu-me dez pés de dinheiro  
alguns querendo botar,  
filhos de queijo do reino

(6)

já querendo safrejar,  
uns caroços de brilhante  
pra eu na terra plantar.

Galhos de libras esterlinas  
deu-me cento e vinte pés  
deu-me um saco de semente  
de cédulas de cem mil réis  
deu-me maniva de prata  
e diamante umas dez.

Aí chamou Santa Bárbara  
esta veio com atenção  
São Pedro aí disse a ela:  
eu quero uma arrumação  
este moço quer voltar  
arranje-lhe uma condução.

- Bote cangalha num raio  
e a sela num trovão  
veja se arranja um corisco  
para ele levar na mão  
porque daqui para a terra  
existe muito ladrão.

Eu desci do céu alegre  
comigo não foi ninguém  
passei pelo purgatório  
ouvi um barulho além  
era a velha minha sogra  
que dizia: eu vou também.

(7)

Eu lhe disse: minha sogra  
eu não posso a conduzir  
ela me disse: eu lhe mostro  
porque razão hei de ir  
e se não fôr apago o raio  
quero ver você seguir.

Nisso o raio se apagou  
desmantelou-se o trovão  
o corisco que trazia  
escapou-se da mão  
e tudo quanto eu trazia  
calu desta vez no chão.

Aí a velha voltou  
rogando praga e uivando  
quando entrou no purgatório  
foi se mordendo e babando  
dizendo tudo de miu  
lançando fogo e falando

Bem dizia meu avô:  
sogra, nem depois de morta  
fede a carniça de corpo  
a língua da alma corta  
não diz assim quem não viu  
uma sogra em sua porta.

( 8 )

Eu vinha com isso tudo  
que o santo tinha me dado  
mas minha sogra apanhou  
o diabo descuidado  
fiquei pior do que estava  
perdi o que tinha achado.

E quando eu cheguei em casa  
a mulher quase me come  
ainda pegou um cacête  
e me chamou tanto nome  
e disse que eu casei com ela  
para matá-la de fome.

Se não fôsse minha sogra  
eu hoje estava arrumado,  
mas ela no purgatório  
achou tudo descuidado  
abriu a porta e danou-se  
veio deixar-me encaiporado.

Nunca mais voltei ao céu  
para falar com São Pedro  
e ainda mesmo que possa  
não vou porque tenho medo  
posso encontrar minha sogra  
e vai de novo outro enrêdo

F I M